

**CONTRIBUIÇÕES AO
DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DE ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA:
AS PALAVRAS COGNATAS EM FOCO**

Messias dos Santos Santana (UESPI)
messiasdsantana@click21.com.br

1. Introdução

É comum, ao termos dúvidas quanto à escrita ou à significação de algumas palavras, recorrermos a um dicionário para dirimir tais dúvidas. Tal situação fez surgir, para o dicionário, um “apelido” nada muito convencional, segundo se infere a seguir, a partir dos trechos retirados de Houaiss & Villar (2002): “*pai dos burros*”, um “*substantivo masculino*”, que possui um caráter de “*Regionalismo*” e empregado no “*Brasil*”, em situações de “*Uso informal*” da língua portuguesa, como sinônimo de “*Dicionário*”, com a mesma significação que esta palavra é empregada em lexicografia.

Ora, a partir de uma caracterização como a apresentada acima para a palavra *dicionário*, é possível admitir que, no uso informal (e aqui não podemos esquecer que uma parcela muito grande da população brasileira só faz uso dessa variedade linguística), o dicionário é visto como “uma perfeição só”, como aquele que “dá a última palavra” em termos de como se grafia uma palavra ou acerca de qual(is) (são) sua(s) (“verdadeira(s)”) significação(ões).

Dessa maneira de pensar sobre o dicionário, para considerá-lo como não apresentando nenhum erro ou equívoco, acredito nada faltar. E é verdade, pois se existe algo que possui credibilidade incontestável entre as pessoas que só se expressam através da variedade coloquial ou fazendo uso de uma língua somente em sua variedade informal, esse algo é o dicionário.

Se, por outro lado, tivermos o cuidado de consultar o que dizem Houaiss & Villar (*op. cit.*), sobre o que é um dicionário, quando definido em sua concepção lexicográfica, compreenderemos que um dicionário envolve mais elementos que as compilações da forma de

escrever uma palavra e de sua(s) correspondente(s) significação(ões), conforme abaixo:

Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencionada, ger. alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.]

Analisando, pois, o que dizem os autores acima, verificaremos que um dicionário envolve, realmente, muitos outros elementos, além da simples listagem das palavras de uma língua e de seu(s) correspondente(s) significado(s). No entanto, dois desses elementos apresentados por eles chamam a nossa atenção com mais destaque, em virtude da própria natureza do texto que aqui é escrito: quando eles contemplam a organização do dicionário, dizendo que suas unidades léxicas vêm “*organizadas numa certa ordem convencionada, ger.[almente] alfabética*” (destaque meu), e quando dizem que ele pode conter “*informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.]*” (destaque meu). Com isso, Houaiss & Villar chamam a nossa atenção para a *estrutura do dicionário* e para *os seus tipos*, temas que discutiremos a seguir.

2. *Sobre a estrutura e os tipos de dicionários*

Embora quase todas as pessoas já tenham visto um dicionário ou já tenham consultado um, são poucas as que sabem como ele se estrutura e que a maneira como se encontra organizado está diretamente relacionada com a sua classificação. Daí, ser importante, sobretudo para quem estuda dicionários, saber que

Todo diccionario se halla construido y organizado en torno a dos ejos fundamentales: una *macroestructura*, constituida por todas sus entra-

das dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador, junto a una *microestructura* o conjunto de informaciones – también dispuestas de acuerdo con un determinado patrón o patrones – que se ofrecen dentro del artículo lexicográfico. (DAPENA, 2002, p. 75).

Mas como organizar as entradas¹ de um dicionário? Que critério levar em consideração? Para Dapena (*op. cit.*, p.71) “la ordenación a que se hallan sometidas las entradas de un diccionario [...] es arbitraria y convencional, y responde siempre a unas necesidades de tipo practico”. Não obstante ser arbitrária e convencional, é possível afirmar que

La ordenación más frecuente de los diccionarios es la alfabética; pero, a su lado, existen otras, que generalmente se dan en combinación con esta última, tales como la ideológica o analógica, por familias etimológicas o morfológicas y la estadística, a las que podemos añadir [...] la estructural (DAPENA, *op. cit.*, p.71).

Conclui-se, portanto, que a ordenação das palavras em um dicionário dá-se em conformidade com o interesse de seu autor, não havendo, pois, uma maneira obrigatória de ordená-las, ou seja, o lexicógrafo ordena as palavras de acordo com os critérios que ele define, atendendo ao que lhe convém, conforme a sua proposta de trabalho e a finalidade de seu dicionário, podendo os dicionários ser classificados, na respectividade dos critérios apresentados na citação anterior, em dicionários “alfabéticos, ideológicos o analógicos, de famílias etimológicas, estadísticos o de frecuencia, estructurales y mixtos”. (DAPENA, *op. cit.*, p.71).

3. *O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha*

Ao lermos as páginas iniciais do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007) – doravante DELP –, percebemos que é nítida a preocupação de Cunha em apresentar ao seu leitor os critérios que ele elege para estruturar o seu dicionário:

Com o propósito de facilitar ao consulente o manuseio do *Dicionário* (destaque do autor), julgamos oportuno adotar, também, a ordenação

¹ O conceito de entrada que se adotará, aqui, está conforme Dapena (*op. cit.*, p. 136), isto é, a palavra que inicia o verbete de um dicionário e a respeito da qual são apresentadas algumas informações.

alfabética, que é a mais normal e a mais comum em obras deste gênero. Convém notar, porém, que certos verbetes mereceram tratamentos diferenciados, em face das suas características peculiares e, principalmente, em razão das vantagens que adviriam *da reunião em um só verbete dos derivados, compostos e cognatos do vocábulo que intitula o verbete, para melhor compreensão das origens e da história de cada um desses vocábulos*. (p. XI, grifo nosso).

Tanto no trecho acima quanto no que abaixo se segue, podemos perceber o seu interesse em deixar clara a relação etimológica entre os vocábulos que compõem esse dicionário:

Para melhor elucidar o consulente no tocante às íntimas correlações etimológicas entre vocábulos de mesma origem remota e, mais particularmente, com o objetivo de economizar o espaço físico do *Dicionário* (destaque do autor), propiciando assim um melhor aproveitamento da matéria e a conseqüente inclusão de um maior número de vocábulos, *reuniram-se num único verbete, como já mencionamos anteriormente, os principais derivados, compostos e cognatos do vocábulo em epígrafe*. (p. XIX, grifo nosso).

Considerando, portanto, as duas citações acima retiradas do DELP, fica nítida a preferência de Cunha por distribuir, ao longo da estrutura de seu dicionário, as palavras alfabeticamente e por famílias etimológicas, sendo que esta última distribuição “consiste en la agrupación en torno a una raíz, étimo o palabra inicial en una derivación, de todos los vocablos emparentados” (DAPENA, *op. cit.*, p. 73) e, com isso, ele opta por apresentar as palavras que são cognatas “num único verbete”.

Dessa forma e considerando o que diz Dapena (*op. cit.*, p. 71), sobre os tipos de dicionário, conforme acima, o título do dicionário de Cunha encontra-se, pois, justificado, ou seja, é um dicionário que contém informações etimológicas sobre palavras da língua portuguesa, as quais estão nele dispostas alfabeticamente, para que o leitor possa melhor manuseá-lo e perceber as relações etimológicas entre elas.

Mas será que Cunha, realmente, apresenta todas as palavras que são cognatas em um único verbete ao longo da estrutura de seu dicionário?

3.1. O tratamento dado às palavras cognatas no DELP

Analisando a estrutura do DELP, podemos perceber que as palavras que são empregadas como entradas estão dispostas alfabeticamente e encontram-se, compondo a estrutura de verbetes, palavras que são cognatas com as que constituem entrada, como bem ilustra o verbete a seguir:

Cognato *adj. sm.* ‘cognado’ (Gram.) diz-se de, ou voc. que tem raiz comum com outro(s) XVI. Do lat. *cognātus* // **cognação** *sf.* ‘no direito romano, parentesco consanguíneo pelo lado das mulheres’ ‘descendência, parentesco’ ‘relação ou analogia entre vocs. cognatos’ XVII. Do lat. *cognātiō -ōnis* // **cognado** *adj. sm.* ‘diz-se de, ou parente por cognação’ 1844. Do lat. *cognātus* // **cognático** 1844. (CUNHA, *op. cit.*, p. 193).

A partir do exemplo acima, observamos, portanto, que o verbete cuja entrada é a palavra *cognato* apresenta outras palavras que, com ela, são cognatas, como *cognação*, *cognado* e *cognático*. Este verbete é, pois, bem elucidativo quanto à observância por Cunha dos critérios que ele apresentara na *Introdução* de seu dicionário, com relação à disposição e estruturação dos verbetes que o compõem.²

Se analisarmos o conceito de palavra cognata adotado por Cunha, conforme aqui apresentado, vemos que, para ele, duas ou mais palavras são cognatas quando (ou porque) possuem a mesma raiz em sua estrutura. Vemos, desse modo, que o conceito de *raiz* é de grande importância para o tratamento desse tema no DELP. Observando, no entanto, o que apresenta o DELP sobre o conceito de *raiz*, conforme abaixo,

Raiz *sf.* (Bot.) porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, em geral dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta’ ‘cerne, origem, princípio’ / XIII, *rayz* XIII, *reyz* XIV etc. / Do lat. *radix -icis* // [...] (CUNHA, *op. cit.*, p. 661),

verificamos que não há, nesse conceito, o conceito linguístico dessa palavra, o que já torna a abordagem de Cunha problemática, pois falta essa sustentação teórica acerca da palavra *cognato*, a partir do que consideraremos, aqui, *raiz* de acordo com Oliveira (2002, p. 112), como “[...] a base fonético-semântico-cultural das palavras, morfolo-

² Observe que, com exceção da palavra *cognato*, que encabeça o verbete, as demais palavras que são apresentadas na seqüência aparecem em ordem alfabética.

gicamente indivisível, foneticamente variável e semanticamente aberta”.

Dessa forma, todas as vezes em que palavras que possuem uma mesma raiz não estiverem agrupadas no mesmo verbete, sem que, para isso, Cunha tenha apresentado uma justificativa³, consideraremos como ele não reconhecendo tais palavras como cognatas.

Assim, no DELP, mesmo com todas as precauções tomadas por Cunha para evitar qualquer equívoco, é possível afirmar que há palavras, ao longo desse dicionário, que são cognatas com outras nele existentes, mas que se encontram em verbetes diferentes, o que nos permite afirmar que Cunha não reconhece um número significativo de palavras cognatas com outras existentes em seu dicionário.

O que teria, no entanto, feito com que Cunha não reconhecesse, no DELP, algumas palavras que são cognatas, apresentando-as como não cognatas?

3.1.1. O não reconhecimento de palavras cognatas no DELP

Para demonstrar a existência de palavras cognatas no DELP que não estão sendo consideradas como tais – uma vez que não estão agrupadas no mesmo verbete com as palavras com as quais são cognatas –, abaixo apresentaremos algumas análises, baseadas, sobretudo, em Santana (2009), objetivando explicitar a relação de coação entre as palavras analisadas, bem como identificar o(s) fator(es) que impediu(ram) Cunha de reconhecê-las como cognatas.

³ Apresentamos esta ressalva, porque, em algumas passagens do DELP, Cunha faz uso de recursos, antecipados por ele na *Introdução* desse dicionário, como o sistema de remissão com inclusão da palavra que contém a remissão no verbete ao qual remete (cf. *color* • ação, -ante, -ar, -ear, -ido, -ífico, -ímetro, -ir, -ismo, -ista, -izar → COR¹ (p.196)) e a remissão com a qual ele pede, apenas, que sejam comparadas as palavras indicadas (**olho** sm. '(Anat.) órgão da visão' / XIII, *ollo* XIII / Do lat. *oculus* -i // AN-Tolhos / XVI, -ollos XIII // **olhada** XVIII // **olhad** _ ELA 1881 // **olhado** XVI // **olhador** / *oolhador* XV // **olhal** XVII // **olhar** / *aolhar* XIII, *oolhar* XIV / Do lat. *adoculare* // **olheiras** XIII // **olheiro** XVI // **olhudo** 1813 // **zarolho** / *zarolho* 1813 / De etimologia obscura. Cp. ÓCULOS. (p.559)), recursos esses que permitem a disposição dos verbetes em ordem alfabética e mantendo o critério etimológico.

As primeiras palavras que apresentaremos são as palavras *espectador* e *espelho*, conforme a seguir⁴:

Espectador *sm.* ‘aquele que vê qualquer ato, testemunha’ 1813. Do lat. *spectātor –ōris* [...]. (p.322).

Espelho *sm.* ‘qualquer superfície refletora’ ‘(Ópt.) superfície refletora constituída por uma película metálica depositada sobre um dielétrico polido’ XIII. Do lat. *spēcūlum –i* [...]. (p.322).

Observe que essas duas palavras, da maneira como se encontram dispostas, isto é, apresentadas em verbetes diferentes, estão sendo consideradas como palavras que não são cognatas. Considerando, no entanto, o conceito que Cunha apresenta, no DELP, para a palavra *cognato*, conforme já aqui discutido, verificamos que elas provêm

[...] da mesma raiz indo-européia **spek-* ‘olhar com atenção, contemplar, observar’ (HOUAISS & VILLAR, 2002), manifestada nas palavras acima sob a forma *spec-* (conforme pode ser percebido nas palavras latinas que originaram as portuguesas) [...] (SANTANA, *op. cit.*, p.81).

Dessa forma, constatamos que Cunha, mesmo apresentando, entre as informações sobre as palavras que constituem a entrada, os seus étimos, não as reconhece como cognatas, dispondo cada uma delas como constituintes de um verbete, e não em verbete único conforme foi sua proposta (ver discussão feita em 3).

A busca pelo(s) fator(es) que tenha(m) provocado essa maneira de agir de Cunha, levou-nos, ainda em Santana (*op. cit.*, p. 81-82), a apontar como fatores “causadores” desse não reconhecimento a mudança fonética, pois

[...] enquanto que a palavra *espectador* ainda conserva a raiz intacta, a palavra *espelho* não mais deixa transparecê-la, sendo ela encontrada somente em uma abordagem que contemple a mudança fonética, por meio da qual se demonstrará que o *lh /ɫ/* é resultado da palatalização do *-c /k/*, da raiz *spec-*, com *-ul-* /u/ e /ɫ/, do sufixo diminutivo latino *-ulum* (*speculum* > *speclu* > *spello* > *spelho* > *espelho*) (p.82),

e a mudança semântica pelas quais elas passaram:

⁴ Para uma melhor visualização e, conseqüentemente, para um maior destaque, apresentaremos as palavras a serem analisadas sempre como se fossem citações maiores que três linhas.

Além da mudança fonética, também contribui para o não reconhecimento dessas duas palavras como cognatas a desconsideração da mudança semântica, com o auxílio da qual se poderá demonstrar que, além da raiz, têm essas duas palavras, também, uma significação comum, que envolve o ‘ato de ver algo’. Assim, tem-se o *espectador* como sendo ‘aquele que ver (sic), que presencia algo’ e o *espelho* como ‘algo por meio do qual se pode ver alguma coisa’. (p. 82).

Também se encontram estruturadas, no DELP, como se não constituíssem palavras cognatas, as palavras *figura* e *fingir*, a respeito das quais o DELP traz as seguintes informações:

Figura *sf.* ‘forma exterior, aspecto, representação’ / XIII, *fe-* XIII / Do lat. *fīgūra* [...]. (p. 356).

Fingir *vb.* ‘simular, inventar, fantasiar’ / *fynger* XV / Do lat. *fingēre* [...]. (p. 358).

Veja-se que uma análise sincrônica dessas duas palavras, tanto nas atuais formas portuguesas quanto nas palavras latinas que lhes deram origem, apontará a existência de consideráveis diferenças entre elas. No entanto, afirmar que essas palavras não são cognatas seria um grande equívoco, pois, ao consultarmos Ernout & Meillet (1959, p. 235-236), verificaremos que ambas se encontram ligadas à raiz indo-européia **dheig’h* – que deu origem à raiz latina *fing-*, com as variantes *fig-* e *fict-*, cuja significação é ‘modelar (a terra)’.

Assim, uma análise diacrônica da significação do verbo *fingēre* (cf. ERNOULT & MEILLET, *op. cit.*, p.235), que possui em sua estrutura a raiz latina *fing-*, revela que esse verbo significou, inicialmente, ‘modelar na argila’ e, em seguida, passa a significar, também, ‘dar forma a qualquer matéria plástica’, ‘esculpir’. Ainda segundo esses autores (*loc. cit.*), esse verbo significou, depois, por extensão, ‘modelar’ (de uma maneira geral, em sentido físico e moral), ‘reproduzir os traços de, representar’, ‘imaginar, inventar’. Observa-se, portanto, que todas essas significações se conjugam com as significações das palavras *fingir* e *figura*, conforme encontradas no DELP e acima apresentadas.

Depois do que se apresentou, não resta dúvida quanto a classificar essas duas palavras como cognatas, uma vez que são etimologicamente derivadas de uma mesma raiz. Ainda com base no que foi apresentado nas análises acima, é possível apontar as modificações fonéticas pelas quais essas palavras passaram, especialmente o infi-

xo, e as alterações semânticas que sofreram, como as responsáveis pelo não reconhecimento dessas duas palavras por Cunha como cognatas.

Outras palavras que estão distribuídas em verbetes diferentes no DELP, o que nos permite afirmar que estão dispostas como se não fossem palavras cognatas, são as palavras *amar*, *amigo* e *amor*, assim apresentadas nele:

Amar *vb.* ‘querer bem, gostar’ XIII. Do lat. *amāre* [...]. (p.37).

Amigo *adj. sm.* ‘companheiro, colega’ XIII. Do lat. *amicus* [...]. (p.40).

Amor *sm.* ‘afeição, carinho, simpatia’ XIII. Do lat. *amōrem* [...]. (p.41).

Ora, se considerarmos as notas introdutórias existentes no DELP e já aqui comentadas, teremos que afirmar – mesmo que não acreditemos que os dados de que dispomos nos proporcionam isso – que, da maneira como se encontram distribuídas, essas palavras não estão sendo consideradas como cognatas.

Para explicar essa afirmação, é importante que, inicialmente, demonstramos que essas palavras, num plano sincrônico, apresentam-se visualmente semelhantes, possuindo, em comum, a estrutura *am-*; semanticamente, por sua vez, dependendo de quem as analisa – o que não se torna um critério seguro, pois passa a depender da consciência do falante – podem ou não ser consideradas como cognatas. Em suma, uma análise sincrônica não possibilita uma conclusão segura acerca da relação de cognação entre essas duas palavras.

Por isso, apresentamos, em Santana (*op. cit.*, p.91), uma solução que parte de uma análise diacrônica dessas três palavras. Então, propusemos que classificaríamos, com segurança, essas palavras como cognatas

Partindo da raiz indo-europeia *am-*, comum a essas palavras, a qual, segundo Houaiss & Villar (2002), significa ‘amar, querer bem, ter afeição’, chegar-se-á à palavra *amor*, do latim *amōr -ōris* ‘amizade, afeição, amor’ (cf. FARIA, *op. cit.* [1985], p.46). Observe só a proximidade entre os significados da raiz, da palavra latina e da palavra portuguesa. Essa mesma raiz pode ser encontrada no verbo português *amar*, proveniente do latim *amāre* ‘amar, querer bem, estimar, gostar de’ (cf., *ibid.*, *loc. cit.*) e na palavra *amigo*, do latim *amicus -i* ‘que ama, que é amigo’ (cf. SA-RAIVA, *op. cit.* [2000], p. 68).

Após todas essas explicações, podemos perceber que as palavras acima – mas também todos os outros grupos de palavras analisados nesta seção – quando analisadas numa perspectiva sincrônica, deixam dúvidas quanto a serem ou não cognatas, dúvidas essas que, num estudo diacrônico, não mais se fazem presentes, e a classificação delas como cognatas é feita com uma segurança que não é transmitida pela análise sincrônica.

4. Conclusões

O que até aqui foi exposto permite-nos chegar a algumas conclusões importantes acerca dos dicionários de uma forma geral, mas especialmente sobre o DELP, no que diz respeito à distribuição das palavras cognatas ao longo de sua estrutura.

Uma primeira informação importante é que a construção de um dicionário é sustentada através de conhecimentos que permitem ao lexicográfico, considerando sua proposta de trabalho, organizar a estrutura de seu dicionário de modo a permitir um manuseio satisfatório.

Essa foi a proposta de Cunha, no DELP, conforme podemos perceber através da análise de trechos iniciais de duas citações que aqui foram apresentadas, como em: “Com o propósito de facilitar ao consulente o manuseio do *Dicionário* [...] (destaque do autor, p. XI); e através deste outro: “Para melhor elucidar o consulente no tocante às íntimas correlações etimológicas entre vocábulos de mesma origem remota [...]” (p. XIX).

Apesar de seu interesse em apresentar as palavras cognatas em um mesmo verbete, verificamos, a partir do que expusemos, que, no tocante ao tratamento dado às palavras cognatas, existem equívocos, ou seja, Cunha dispõe algumas palavras que são cognatas em verbetes diferentes, como se elas não fossem cognatas, pelo “[...] fato de ele ter concentrado as suas análises em informações sincrônicas, como, por exemplo, as formas e as significações atuais dessas palavras” (SANTANA, *op. cit.*, p. 81).

Dessa forma, com o que aqui apresentamos sobre o DELP, esperamos chamar a atenção, sobretudo, dos que se dedicam ao estu-

do da lexicografia, para o aprimoramento desse dicionário no que se refere aos problemas apontados.

Por fim, resta-nos deixar claro que o fato de as palavras aqui apresentadas estarem dispostas como não constituindo palavras cognatas não significa, necessariamente, que Cunha e seus auxiliares não as pudessem reconhecer como cognatas ou que não soubessem que elas são cognatas – o que fica difícil até de imaginar quando se observam as palavras *amar*, *amigo* e *amor*. Os dados, no entanto, tais como foram analisados, permitem-nos afirmar que há um número significativo de palavras cognatas no DELP que não estão assim caracterizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DAPENA, José-Álvaro Porto. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

ERNOUT, A.; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 1959.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. CD-ROM.

OLIVEIRA, Josenir Alcântara de. *A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-europeia *pel- 'dobrar'*. 3. v. Tese. USP, São Paulo, 2002.

SANTANA, Messias dos Santos. *Nem tudo que é parece e nem tudo que parece é: mudando a língua, não reconhecendo os cognatos*. Dissertação. UFPI, Teresina, 2009.

SARAIVA, F. R. Santos. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.